HORIZONTE
ISSN 2175-5841
PUC Minas
Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião

CC BY

Dossiê: Pontificado de Francisco: mudanças e perspectivas – Tradução
DOI – *10.5752/P.2175-5841.2021v19n59p852*

A influência de la Dialectique des "exercices spirituels" de Saint Ignace de Loyola no pensamento de Jorge Mario Bergoglio[1]

The Influence of the Dialectique des "exercices spirituels" de Saint Ignace de Loyola in the Thought of Jorge Mario Bergoglio

Massimo Borghesi [*]
Tradução: Aurea Marin Burocchi [**]

Resumo

Quando, em outubro de 2016, comecei a trabalhar em meu livro "Jorge Mario Bergoglio: Uma biografia intelectual", eu não tinha a menor ideia da importância que desempenhava a figura e obra de Gaston Fessard na formação do seu pensamento. Não havia nada que sugerisse que Gaston Fessard pudesse ser um autor relevante para a formação intelectual do futuro Papa. Fiquei impressionado com o modelo polar e dialético de pensamento que o animava, a possibilidade de harmonizar opostos, invocar conceitos para uma pauta comum que aparentemente não poderia ser abordada, pois os coloca em um plano superior na qual encontram sua síntese. Este paradigma, da Igreja e da Companhia de Jesus como opositor complexo, encontra sua verificação, segundo Bergoglio, na forma como os jesuítas conseguiram a inculturação da fé nos povos indígenas da América Latina. Bergoglio relê Ignatius à luz de um modelo dialético. Como ele dirá em uma das entrevistas que me deu por ocasião da redação do meu livro: "Na espiritualidade inaciana há sempre esta tensão bipolar". É certamente uma leitura original e pouco comum do pensamento de Inácio. Trata-se de um fator ideal que nos permite explicar por que Bergoglio, quando em 1986 foi a Frankfurt para escrever sua tese de doutorado, escolheu o ensaio guardiniano dedicado à oposição polar. Quando concluí minha obra sobre a biografia intelectual do futuro Pontífice, em fevereiro de 2017, um elemento, no entanto, permaneceu obscuro. De qual autor Bergoglio esboçou seu modelo polar? De onde veio sua leitura antinômica da espiritualidade inaciana? Não foi descoberto por Guardini filosoficamente em 1986. Francisco indicou o ponto de partida de sua formação intelectual. A leitura de La dialectique des Exercices spirituels de saint Ignace de Loyola, de Fessard, publicada em 1956, é a obra que "teve uma grande influência" sobre ele. É a obra que esclarece o pensamento antinomiano de Bergoglio, seu posterior encontro ideal com a filosofia de Guardini.

Palavras-chave: Dialética. Fessard. Guardini. Espiritualidade inaciana. Filosofia. Papa Francisco.

Abstract

When in October 2016 I started working on my book Jorge Mario Bergoglio. An intellectual biography I did not have the slightest idea of the importance played by the figure and work of Gaston Fessard in the formation of Bergoglio's thought. There was nothing to suggest that Gaston Fessard could be a relevant author for the intellectual formation of the future Pope. I was struck by the polar and dialectical model of thought that animated him, the possibility of harmonizing opposites, of inviting concepts to a common table that apparently could not be approached, because it places them in a higher plane in which they find their synthesis. This paradigm, of the Church and of the Society of Jesus as complexio oppositorum, finds its verification, according to Bergoglio, in the way in which the Jesuits have achieved the inculturation of the faith in the indigenous peoples of Latin America. Bergoglio rereads Ignatius in the light of a dialectical model. As he will say in one of the interviews he gave me on the occasion of the writing of my book: "In Ignatian spirituality there is always this bipolar tension". It is certainly an original, uncommon reading of Ignatius's thought. It is the ideal factor that allows us to explain why Bergoglio, when in 1986 he went to Frankfurt to write his doctoral thesis, chose the Guardinian essay dedicated to the polar opposition. When I concluded my volume on the intellectual biography of the future Pontiff in February 2017, one element, however, remained obscure. Where, from which author had Bergoglio drawn his polar model? Where did your antinomic reading of Ignatian spirituality come from? Not by Guardini discovered philosophically in 1986. Francis indicated the starting point of his intellectual formation. The reading of Fessard's La dialectique des Exercices spirituels de saint Ignace de Loyola, published in 1956, is the work that "had a great influence" on him. It is the work that clarifies Bergoglio's antinomian thought, his subsequent ideal encounter with Guardini's philosophy.

Keywords: Dialectics. Fessard. Guardini. Ignatian spirituality. Philosophy. Pope Francis.

[1] Artigo originalmente publicado em italiano na Revista Portuguesa de Filosofia, Braga, v. 76, n. 4, 2020, p. 1707-1724. DOI https://doi.org/10.17990/RPF/2020_76_4_1707. O artigo é publicado na íntegra, tendo sido adequado às normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e da HORIZONTE.

[*] Doutor em Filosofia pela Universidade de Perugia. Professor do Departamento de Filosofia, Ciências Sociais, Humanas e da Formação da Universidade de Perugia. País de origem: Itália. E-mail: borgmax.ciampino@gmail.com

[**] Doutora e Mestra em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Pais de Origem: Brasil. E-mail: aureamarin@gmail.com

1. Fessard na origem do pensamento de Bergoglio

Quando iniciei a trabalhar no meu volume *Jorge Mario Bergoglio: Uma biografia intelectual*, em outubro de 2016, eu não tinha a mínima ideia da importância da figura e da obra de Gaston Fessard na formação do pensamento de Bergoglio. (BORGHESI, 2017). Eu tinha lido, claro, a passagem da entrevista *O nome de Deus é Misericórdia* na qual Papa Francisco afirma:

> Existe um ensaio de um grande estudioso da espiritualidade, padre Gaston Fessard, dedicado à vergonha, no seu livro *La Dialectique des "Exercices spirituels" de Saint Ignace de Loyola*. A vergonha é uma das graças que sant'Inácio recomenda que se peça na confissão dos pecados diante de Cristo crucificado. (FRANCESCO, 2016, p. 26).

O Papa se referia ao segundo volume de *La Dialectique des "Exercices spirituels" de Saint Ignace de Loyola,* editado por Aubier em 1966. (FESSARD, 1966). A afirmação era preciosa porque documentava a leitura bergogliana de Fessard. Entretanto, ela permanecia isolada, não sufragada por outros textos, estava confinada no campo da "espiritualidade". Nada deixava supor que Gaston Fessard pudesse ser um autor importante para a formação intelectual do futuro Papa. A estrada para chegar à compreensão da sua importância não foi linear. Estudando os textos de Bergoglio a partir daqueles da metade da década de 1970, quando ele era o mais jovem provincial dos jesuítas argentinos, eu fiquei impressionado com o modelo do pensamento polar e dialético que o animava. A "concepção inaciana – escrevia em 1976 – é a possibilidade de harmonizar os opostos, de convidar para uma mesa comum conceitos que na aparência não se poderia aproximar, porque os coloca em um plano superior no qual se encontra a síntese deles". (BERGOGLIO, 2015, p. 246). Esse paradigma da Igreja e da Companhia de Jesus como *complexio oppositorum* encontra a sua avaliação, segundo Bergoglio, no modo como os jesuítas realizaram a enculturação da fé nos povos indígenas da América Latina.

> A história sucessiva dos jesuítas será marcada por uma unidade capaz de plasmar as sínteses dos opostos. Unir reduzindo é relativamente fácil, mas não duradouro. Mais difícil é elaborar uma unidade que não anula a diversidade, que não reduz o conflito: é com esta unidade que a Companhia marcou a sua obra de evangelização. Escolheu o índio, um projeto praticável de justiça sem, porém, esquecer a instrução dos espanhóis e dos crioulos das cidades. (BERGOGLIO, 2015, p. 246).

Bergoglio sugeria, aqui, a ideia de um pensamento "de tensão", voltado a uma unidade dinâmica dos opostos. Um pensamento do "universal concreto" como indicava o padre geral Pedro Arrupe na sua *Lettera a tutta la Compagnia sull'inculturazione (Carta a toda a Companhia sobre a enculturação)* de 14 maio de 1978: "O Espírito inaciano às vezes foi resumido nesta frase: 'Non cohiberi a maximo, contineri tamen a minimo, divinum est'. No nosso contexto, este princípio deveria nos desafiar a uma concretização local até as mínimas coisas, mas sem renunciar à grandeza e universalidade dos valores humanos, que nenhuma cultura nem a sua complexidade pode assimilar e encarnar de modo perfeito e exaustivo". (ARRUPE, 1978). Para confirmar esta perspectiva, o Papa afirmará:

> Sempre me atingiu uma máxima com a qual é descrita a visão de Inácio: *Non coerceri maximo, contineri tamen a minimo, divinum est*. Refleti muito sobre esta frase quando fui superior: não ser constrangidos pelo espaço maior, mas estar em grau de estar no espaço menor. Esta virtude do grande e do pequeno é a magnanimidade que, da posição em que estamos, nos leva a olhar sempre para o horizonte. É fazer as pequenas coisas de cada dia com um coração grande e aberto a Deus e aos outros. É valorizar as coisas pequenas dentro dos grandes horizontes, as que são do Reino de Deus. (FRANCESCO, 2013, p. 27). [2]

Bergoglio relê Inácio à luz de um modelo dialético. Como disse em uma das entrevistas que me deu quando escrevi o meu livro: na espiritualidade inaciana há sempre esta tensão bipolar[3]. (BERGOGLIO *apud* BORGHESI, 2017, p. 39). Trata-se, certamente, de uma leitura original, incomum, do pensamento de Inácio. Uma leitura que marca Bergoglio profundamente e que constitui a linha dourada da sua reflexão. É o fator ideal que permite explicar porque Bergoglio, quando em 1986 foi a Frankfurt para escrever a tese de doutorado, escolheu como tema a única obra totalmente filosófica de Romano Guardini: *Der Gegensatz. Versuche zu einer Philosophie der Lebendig-Konkreten*. Bergoglio escolhe o ensaio guardiniano dedicado à oposição polar. Não se trata de uma opção casual, mas de uma escolha consciente que confirma um caminho em desenvolvimento na mente do autor já há um tempo.

[2] Sobre o "elogio sepulcral" inaciano, veja Papa Francesco – Jorge Mario Bergoglio. Condurre nelle grandi e nelle piccole circostanze. **Boletín de Espiritualidad**, 73, ottobre 1981, tr. it. in: Id., Pastorale sociale, cit., p. 263 ss. A máxima inaciana foi objeto de estudo de H. Rahner. **Die Grabschrift des Loyola. Stimmen der Zeit.** (fevereiro 1947): p. 321-339.

[3] Papa Francisco, gravação de áudio (29 de janeiro de 2017).

> A oposição abre um caminho, uma estrada a ser percorrida. Falando mais em geral, devo dizer que amo as oposições. Romano Guardini me ajudou com um livro seu importante para mim, *A oposição polar*. Ele falava de uma oposição polar em que dois opostos não se anulam. Também não acontece que um polo destrua o outro. Não existe contradição nem identidade. Para ele a oposição se resolve em um plano superior. Nessa solução pode restar uma tensão polar. A tensão permanece, não se anula. Os limites são superados, não negados. As oposições nos ajudam. A vida humana é estruturada de forma opositiva. E é o que acontece também na Igreja. As tensões não têm que ser necessariamente resolvidas e homologadas, não são como as contradições. (SPADARO, 2016, p. XIX). [4]

A adesão ao pensamento guardiniano da polaridade representa, em Bergoglio, uma confirmação de uma perspectiva ideal amadurecida durante um longo tempo. Quando concluí o meu livro sobre a biografia intelectual do futuro Pontífice, em fevereiro de 2017, um ponto era claro: a existência em Bergoglio de um pensamento antinômico-dialético original que, desde os anos 70 chegava, com a teoria dos princípios e das polaridades, até à Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*. Um elemento, todavia, permanecia obscuro. De onde, de qual autor Bergoglio tinha tirado o seu esquema polar? De onde vinha a sua leitura antinômica da espiritualidade inaciana? Não de Guardini, que foi descoberto filosoficamente em 1986. A minha pesquisa esclarecia, pela primeira vez, o pensamento do autor sem conseguir indicar a fonte. Nessa altura, eu só podia pedir diretamente a ele esse esclarecimento que não conseguia inferir dos textos. Assim foi que lhe escrevi e, entre janeiro e março de 2017, o Papa respondeu às questões que lhe coloquei com uma cortesia extraordinária. Uma pergunta decisiva tocava a gênese do seu pensamento antinômico. A resposta, iluminadora, foi a seguinte:

> Mas o escritor, entre aspas, "hegeliano" – ele não é hegeliano mesmo se parece – que teve uma grande influência sobre mim foi Gaston Fessard. Eu li muitas vezes *La dialectique des Exercices spirituels de saint Ignace de Loyola* e outras coisas dele. Daí eu recebi tantos elementos que depois se misturaram. (FRANCISCO *apud* BORGHESI, 2017, p. 33). [5]

Com sua afirmação, Francisco indicava a peça que faltava, o ponto inicial

[4] Bergoglio levará o amigo e discípulo Diego Fares, atualmente docente de Metafísica junto à Universidad del Salvador e à Pontificia Universidad Católica di Buenos Aires, ao estudo de Guardini. "Bergoglio também lhe abriu o caminho intelectual para o estudo de Romano Guardini e Hans Urs von Balthasar, sobre a fenomenologia da verdade, sobre a qual Fares escreveu a sua tese de doutorado". (SPADARO, 2014, p. 8. A afirmação de Spadaro é, indiretamente, confirmada por Fares: "Conheço bem a admiração que Papa Francisco tem por Romano Guardini". (FARES, 2014, p. 17).

[5] Papa Francisco, gravação de áudio (3 de janeiro de 2017). O Papa se refere aqui ao primeiro volume de **La dialectique des Exercices spirituels de Saint Ignace de Loyola**. Temps – Liberté – Grace. (FESSARD, 1956).

da sua formação intelectual. A leitura de *La dialectique des Exercices spirituels de saint Ignace de Loyola* de Fessard, editada pela Aubier em 1956, é a obra que "teve uma grande influência" sobre ele. É a obra que esclarece o pensamento antinômico de Bergoglio, o seu encontro perfeito com a filosofia de Guardini. Assim, o futuro Pontífice se coloca dentro de uma precisa tradição da reflexão católica entre o século XIX e o XX: aquela que parte de Adam Möhler, o genial eclesiólogo da Escola de Tubinga, e prossegue depois com Erich Przywara, Romano Guardini, Henri de Lubac até chegar a Fessard. (BORGHESI, 2017, p. 79-116). [6]

2. Miguel Ángel Fiorito e Fessard

A pergunta que nasce é como Bergoglio chegou a ler o comentário inaciano de Fessard, uma obra certamente difícil para um jovem estudante. Quem leva Bergoglio a descobrir a obra de Fessard, podemos afirmar com certeza, foi o seu professor de filosofia Miguel Angel Fiorito. Fiorito (1916-2005) foi professor de filosofia e decano no Colégio Máximo San José da cidade de San Miguel, na província de Buenos Aires. Sucessivamente foi reitor, de 1970 a 1973, da Universidade do Salvador em Buenos Aires. Diretor da revista "Stromata", por suas capacidades intelectuais, era um ponto de referência para os estudantes. A ele o jovem provincial Bergoglio atribuirá dois encargos: instrutor da "terceira probação", isto é, da última etapa dos jesuítas, e diretor do "Boletim de Espiritualidade". Nesta veste, Fiorito se empenha nos estudos sobre a espiritualidade da Companhia e sobre os Exercícios de Inácio[7]. Um compromisso que estava no programa educativo de reatualização da mensagem inaciana. Como escreve o biógrafo inglês do Papa, Austen Ivereigh: "O grupo de Fiorito levava muito a sério a ideia do *ressourcement*, um processo de renovação que consistia no retorno ao 'carisma original' dos primeiros jesuítas, adaptando-o aos tempos modernos. Era um espírito muito diferente, de um outro processo de renovação que rejeitava, enquanto superada, a herança de Inácio e adotava de modo acrítico

[6] Cap. 2: *La filosofia della polarità*.

[7] Sobre a figura e o pensamento de Fiorito, veja J. L. Narvaja. Miguel Ángel Fiorito. Una riflessione sulla religiosità popolare nell'ambiente di Jorge Mario Bergoglio. In **La Civiltà Cattolica**, 4027, 2018: p. 18-29. Entre as publicações mais significativas de Fiorito lembramos: **La ley Ignaciana de la oración en la Compañia de Jesús.** Buenos Aires: Pellegrini Impresores, 1967; **Discernimiento y lucha espiritual**. Comentario de las reglas de discernir de la primera semana de los Ejercicios Espirituales de San Ignacio de Loyola. Buenos Aires: Editorial Diego de Torres, 1985; **Buscar y hallar la voluntad de Dios**. Comentario prático de los Ejercicios Espirituales de San Ignacio de Loyola. Buenos Aires: Editorial Diego de Torres, Buenos Aires, 1988.

as ideias contemporâneas". (IVEREIGH, 2014, p. 114). Nesta obra de renovação, Fiorito foi estimulado pela leitura inaciana oferecida por Fessard na sua obra de 1956. "É conhecida – observa Juan Carlos Scannone – a coincidência entre a interpretação dos Exercícios de Gaston Fessard e a do jesuíta argentino Miguel Ángel Fiorito, reconhecida, pelo menos oralmente, por ambos; e, de outro lado, é conhecida a veneração de Bergoglio pelo segundo que, na Província jesuíta argentina, todos chamavam de "o mestre", pela sua compreensão da espiritualidade inaciana". (SCANNONE, 2015, p. 216). Scannone tem uma intuição absolutamente correta que, porém, sem as provas textuais, não tem como ser aprofundada. Assim, no seu artigo *La filosofia dell'azione di Blondel e l'agire di papa Francesco* (A filosofia da ação de Blondel e o agir de papa Francisco) o lugar de Fessard, na gênese do pensamento de Bergoglio é ocupado por Blondel, mestre de Fessard, segundo um conjunto de analogias que deveriam comprovar o seu valor de fonte para o pensamento bergogliano. (SCANNONE, 2015, p. 216-233).[8] Na realidade, a influência de Blondel em Bergoglio é uma influência de segunda mão. Fessard é, com o seu método dialético, o verdadeiro mediador e Fiorito, intérprete dos Exercícios, é quem revela Fessard a Bergoglio. Este, em um seu artigo de 1981, recordará, em uma nota, dois artigos de Fiorito: um de 1956, *La opción personal de S. Ignacio*, e um de 1957, *Teoría y práctica de G. Fessard*[9]. O segundo artigo era dedicado a um comentário do chamado elogio do sepulcro inaciano: "Não ser constrangido pelo que é maior, ser contido no que é menor, isto é divino!". (FIORITO, 1956, p. 43-44). Explicando o sentido disso, Bergoglio escrevia que: "Podemos traduzi-lo também assim: sem voltar atrás diante do que é mais elevado, abaixar-se para recolher o que é aparentemente pequeno ao serviço de Deus; ou, tendendo ao que está mais distante, preocupar-se com o que está mais perto. Isto é aplicado na disciplina religiosa [...] e é útil para caracterizar dialeticamente (no sentido adotado por Fessard) a espiritualidade inaciana". (BERGOGLIO, 2014, p. 282, nota 4). O lema inaciano, analizado por Fessard em *La Dialectique des "Exercices spirituels" de Saint Ignace de Loyola*, se torna, para Bergoglio, a expressão da tensão polar que anima a espiritualidade de Santo Inácio. (FESSARD, 1956, p. 164-177). Nisso a

[8] "A filosofia do primeiro [Blondel] ilumina a profundidade teológica da ação pastoral do segundo [Bergoglio], e esta mostra na prática o valor humano cristão do pensamento blondeliano". (SCANNONE, 2015, p. 233).

[9] FIORITO, 1956; FIORITO, 1957. Os dois artigos são citados em: J. M. Bergoglio. Farsi custodi dell'eredità (giugno 1981), in J. M. Bergoglio. **Meditaciones para religiosos.** Buenos Aires: Ediciones Diego De Torres, 1982. Trad. Italiana: BERGOGLIO, 2014, p. 282, nota 4.

sua leitura é guiada pelo artigo de Fiorito o qual, no seu ensaio de 1957, *Teoría y práctica de G. Fessard*, retoma a interpretação à luz do modelo dialético oferecido por Fessard.

> O (chamado) elogio sepulcral de Santo Inácio tem duas frases complementares [...]. A primeira frase (*non coerceri a maximo, contineri tamen a minimo, divinum est*) quer evidenciar uma característica fundamental da espiritualidade inaciana [...] porque expressa dialeticamente – por oposição de contrários – o dinamismo fundamental da alma santa de Inácio, que tende sempre ao ideal mais alto, Deus, e se preocupa, nisso, com os menores particulares do plano divino. [...] A segunda frase (*coelum, animo, Roma corpori: illi... aliquid summo maius attribuit; huic... modum posuit mediumque virtutis*) anuncia também uma contraposição entre o mundo inteiro, que Inácio quer encher com a sua ação, e a cidade romana, onde ele quis que o seu corpo repousasse. Então, a característica da sua espiritualidade que se evidencia nesta segunda frase é a romanidade do espírito inaciano; e não a manifesta através de uma oposição dialética, mas com a composição de elementos que, achamos, são o amor de Deus, que em Santo Inácio não conhece limites, e a sua discrição que limita não o seu amor, mas as suas realizações dentro da Igreja. [...] O elogio manifesta, portanto, com as duas frases essenciais, o *magis* inaciano e a sua própria discrição. E, ao mesmo tempo, acrescenta o ideal do amor sem limites que é Deus e o modo concreto da discrição no amor, que é a Igreja de Roma. (FIORITO, 1957, *apud* BERGOGLIO, 2014, p. 282, nota 4).

Para Fiorito, portanto, o elogio sepulcral inaciano – *non coerceri a maximo, contineri tamen a minimo, divinum est* – constitui uma característica "fundamental da alma santa de Inácio, que tende sempre ao ideal mais alto, Deus, e se preocupa também com os particulares menores do plano divino". A alma santa de Inácio se expressa dialeticamente por oposição de contrários. É a mesma persuasão de Jorge Mario Bergoglio para o qual, como se viu, o modelo polar "é útil para caracterizar dialeticamente (no sentido de Fessard) a espiritualidade inaciana". Em 1981 Bergoglio, em uma nota do artigo *Farsi custodi dell'eredità*, cuja relevância não percebi inicialmente na leitura do autor, remete textualmente à interpretação inaciana de Fessard retomada por Fiorito em um artigo de 1957. Pode-se levantar a hipótese que neste artigo, com o seu comentário do (chamado) elogio sepulcral de Santo Inácio, seja a fonte ideal do interesse de Bergoglio nutrido por Fessard. A imagem que Fiorito fazia de Fessard e transmitia aos seus estudantes era a de uma Igreja como *coincidentia oppositorum*. A visão polar do mestre unia religiosidade popular e cultura, contemplação e ação, tradição e renovação. (NARVAJA, 2018).

A confirmação disso é o que o autor escrevia em 1959 em um seu ensaio sobre *El pensamiento filósofico del Suarismo y del Tomismo*. (FIORITO, 1959, p. 27-50). Nele negava "que exista una oposición esencial entre ambos sistemas. La presunta oposición nacería dal sentido diferente con que se usan las palabras, no advirtiendo que usaban un mismo signo – v. gr. 'concepto' – con dos significados diversos, y que por esta razón se creyeron adversarios". (FONTANA, 1959, p. 357). O pensamento de Fiorito mirava à unidade dos opostos, uma lição que encontrava conforto no paradigma dialético oferecido por Gaston Fessard.

3. Bergoglio leitor de *La dialectique des "Exercices spirituels" de saint Ignace de Loyola*

A pergunta que precisamos fazer é o que, no texto fessardiano de 1956, atraiu particularmente a atenção do jovem? Dele, da sua complexa arquitetura que pretende colocar junto as quatro semanas dos Exercícios com o ato da liberdade antes e depois do pecado, não há traços na reflexão de Bergoglio. Também o contínuo confronto com Hegel não parece revestir particular interesse. Ao contrário, o comentário ao *Elogium sepulcrale S. Ignatii*, que Fessard trata nas páginas 164-177 do seu volume, certamente atraiu a sua atenção a partir do momento que está no centro do artigo de Fiorito de 1957. Em *La dialectique* Fessard escrevia, citando Hugo Rahner: "Ao jovem jesuíta anônimo de que se compõe este elogio fúnebre, diz o P. H. Rahner, foi dado apreender, num instante de gênio, a grandeza de Inácio. Nestes pares de opostos – espírito-corpo, céu-terra, globo terrestre-túmulo –, ele assegurou a complexidade misteriosa desta vida." (RAHNER, 1947, p. 329 *apud* FESSARD, 1956, p. 168-169). Comentando a passagem Fessard escreve:

> Sejamos ainda mais precisos: não é evidente que ele multiplicou e entrelaçou essas antíteses, cada qual tendendo para o infinito de grandeza e de pequenez do qual fala Pascal, para tornar mais sensível o duplo movimento de expansão para o exterior, de contração para o interior, um aspecto fundamental da santidade inaciana aos seus olhos? Por conseguinte, redescobrir nos Exercícios a dialética engendrada por uma tal pulsação não é inovar, mas, antes, retomar uma tradição tão antiga quanto bem fundada. (FESSARD, 1956, p. 169).

A dialética do pequeno e do grande, do infinitamente grande e do infinitamente pequeno, está no centro dos Exercícios. Fessard relia "existencialmente" Inácio a partir de Pascal.

> *Non coerceri maximo, contineri tamen a minimo*. Esse duplo elã contrário é a alma, presente em toda a parte dos Exercícios, porque o problema da minha livre decisão – *id quod volo* – está no centro, como estava no coração da preocupação de Inácio. No famoso fragmento de seus Pensamentos, intitulado Desproporção do homem, um Pascal mais tarde usará desta mesma fonte para nos mostrar que "o homem é, por si mesmo, o mais prodigioso objeto da natureza". Menos especulativo, mais prático, Inácio antecipa-o, entendendo o mistério do nosso próprio ser na liberdade.
> Ainda mais profundamente, não é a inteligência, qualquer que seja a extensão do seu domínio, uma faculdade do possível, um "movimento para ir mais longe" e uma negação de limites? *Non coerceri maximo*. E, por outro lado, quanto mais distante e imenso é o seu objetivo, mais deve, para alcançá-lo ou apenas progredir rumo a ele, determinar-se no mais imediato, no mais próximo. *Contineri a minimo*. Acerca destes dois movimentos contrários, cuja oposição só pode crescer porque, longe de se destruírem, eles se engendram mutuamente, Inácio compreendeu imediatamente, tal como Pascal, que eles "se tocam e se reúnem pela força de terem se afastado, e se reencontram em Deus e em Deus apenas". *Divinum est*. Ele também postula, desde o princípio e por Fundamento, que a sua unidade só será obtida pelo "serviço" de Deus, ou seja, por uma ordenação da nossa liberdade em conformidade com a Liberdade divina. (FESSARD, 1956, p. 173-174).

A unidade entre o pequeno e o grande é coisa divina. "Divinum est. Inácio não se contenta em implantar esta divina síntese dos opostos no imenso panorama abrangido pelas suas quatro Semanas. Até nos mais ínfimos detalhes, sua pedagogia inspira-se nela, sempre preocupada em equilibrar o nosso elã infinito para a transcendência com a nossa necessidade, não menor, de imanência". (FESSARD, 1956, p. 175). Em Inácio, este "duplo elã" encontra a solução "na contemplação *ad Amorem*". "E o Amor, enquanto nova comunicação entre Liberdade divina e liberdade humana, é 'a coisa divina' que se produz em Inácio e nele funda intimamente uma mística da Transcendência e uma mística da Encarnação". (FESSARD, 1956, p. 176).

As assonâncias com a dialética bergogliana, com a síntese entre mística e Encarnação, são evidentes. Não são as únicas. Na sua entrevista para o meu livro, à qual me referi precedentemente, em que o Papa afirmava: "na espiritualidade inaciana há sempre esta tensão bipolar", ele depois prosseguia:

> Eu me lembro que me ajudou um livrinho, escrito em alemão, que li por volta dos anos 1968: *Über die Theologie des "als ob"* ["A teologia do 'como se'"]. Tratava da tensão do "como se" (*als ob*). Por ex. na contemplação dos Exercícios Santo Inácio diz ao exercitante para imaginar a cena evangélica como se fosse presente. O autor faz uma bela reflexão sobre a teologia que está por trás. O título é sobre a teologia do

> "come se". Também me ajudou muito Gaston Fessard[10]. (BORGHESI, 2017, p. 38-39).

Na lembrança do Papa, o texto dedicado a *Sulla teologia del "come se"* se liga à reflexão dialética de Fessard. A sua leitura se coloca nos anos 1960, posterior a do primeiro volume de *La dialectique des Exercices spirituels de Saint Ignace de Loyola*. Dada a dificuldade de se encontrar o nome do autor, o Pontífice sugeria outra leitura, para ele importante nos anos da formação: a do ensaio do jesuíta Karl-Heinz Crumbach com o título *Ein ignatianisches Wort als Frage an unseren Glauben* ["Uma palavra de Inácio como pergunta à nossa fé"] de 1969[11]. Na gravação de áudio de 13 de março, Papa Francisco afirmava:

> Este texto [*Über die Theologie des "als ob"*], junto ao de Crumbach, foi importante para o meu pensamento porque me ajudou a repensar esta tensão presente nos Exercícios e que Santo Inácio continuamente usa. Este modo de pensar cresceu inconscientemente. Eu não percebi isso até o momento em que pude explicitar este pensamento nas tensões bipolares. (BORGHESI, 2017, p. 39). [12]

O primeiro germe do pensamento da "polaridade dialética", que constitui o núcleo do pensamento de Jorge Mario Bergoglio, forma-se, portanto, na década de 1960. Cronologicamente, a leitura do volume *Sulla teologia del "come se"* precede a do ensaio de Crumbach.

> Tenho certeza que a li antes. Tenho certeza porque em 1969 fui ordenado sacerdote e este [texto] eu li nos anos em que estudava filosofia ou no primeiro ano de teologia. Mas é verdade que o tema era o mesmo... Mas o começo foi antes de 1969. (BORGHESI, 2017, p. 39).[13]

As lembranças do Papa são preciosas. Permitem situar o início do seu pensamento, a importância que tem nele a hermenêutica do texto dos Exercícios de Inácio desenvolvida pelos dois autores jesuítas. Uma hermenêutica que, através da categoria do "como se", colocava em evidência a tensão polar que sustenta toda a teologia inaciana. Trata-se de uma categoria que não tinha nada a ver com a *Die Philosophie des Als Ob* do filósofo neokantiano Hans Waihinger. (WAIHINGER, 1911). O ponto não se relacionava com o valor do conhecimento, verdadeiro ou ilusório, mas com a dialética fundamental entre a graça de Deus e

[10] Papa Francisco, gravação de áudio (29 de janeiro de 2017). Infelizmente não podemos indicar o autor do volume ao qual o Papa faz referência. O único título que se aproxima dele é o ensaio de WALD, 2000, p. 627-633. Trata-se, porém, de um "epílogo", e não de um livro, com datação recente. Não pode ser o "pequeno livrinho" indicado por Papa Francisco.
[11] Comunicação do secretário de Papa Francisco, 12 de março de 2017.
[12] Papa Francisco, gravação de áudio (13 de março de 2017, h. 15,57).
[13] Papa Francisco, gravação de áudio (13 de março de 2017, h. 12,12).

a liberdade do homem. O objeto do artigo de Crumbach era o comentário a uma máxima de Gabriel Hevenesi de 1705.

> O jesuíta húngaro, Gabriel Hevenesi, publicou em 1705 uma coleção de ditos inacianos para cada dia do ano, as *Scintillae Ignatianae*. Uma das máximas mais profundas desta coleção soa, em uma tradução literal, assim: "Tem confiança em Deus, como se o sucesso das coisas dependa de ti e não de Deus; esforça-te porém, como se tu não fizesses nada, mas Deus fizesse tudo sozinho". A confiança em Deus e a ação humana se influenciam reciprocamente. A maior confiança na ação de Deus tem como condição íntima o empenho exterior da parte do homem, e isto, no seu ponto máximo, passa pela confiança absoluta e no saber "que tu não fazes nada e que Deus faz tudo". Pela força da sua construção interna a frase é forçada até o limite da dilaceração. Uma frase assim, oferece um impulso ao pensamento, que tende a suavizar a tensão e transformá-la numa forma "suportável". A história aventurosa desta máxima vê tantas versões que visam exatamente essa amenização. A mais importante soa: "Tem confiança em Deus como se tu não fizesses nada e ele tudo; esforça-te, porém, como se o sucesso das coisas realizadas dependesse de ti e não de Deus". (CRUMBACH, 1969, p. 321).

Trata-se, esta última, de uma leitura desviante que tira a "tensão" que sustenta a máxima de Hevenesi.

> Totalmente diferente é a interpretação de G. Fessard. No seu livro sobre a dialética dos Exercícios inacianos, volta com análises precisas das fontes, com as quais Hevenesi tinha formado a sua fórmula e demonstra que, justamente na forma "cruzada" e "embrulhada" ela corresponde melhor às fontes inacianas, ou, ainda melhor, que na sua intensidade concentra em si os Exercícios na sua inteireza. Hugo Rahner concorda com este parecer e acrescenta somente a observação que o próprio Hevenesi, em 1714, tinha achatado a sua fórmula. (CRUMBACH, 1969, p. 321-322; RAHNER, 1964).

No seu comentário de 1969 à frase de Hevenesi, Crumbach remetia à leitura dos Exercícios inacianos desenvolvida por Gaston Fessard. Este tinha dedicado toda a última parte do primeiro volume de *La dialectique* a uma análise metódica do texto de Hevenesi, mostrando sua íntima tensão dialética. (FESSARD, 1956, p. 307-359). Para Fessard, "não há nada de semelhante a temer com a fórmula Hevenesi. Porque os seus dois imperativos, de um duplo ponto de vista oposto, mas complementar, conjugam-se para afastar a menor ameaça tanto do pelagianismo quanto do quietismo". (FESSARD, 1956, p. 328). De tal modo...

> graça e liberdade se enlaçam e se compenetram para a maior glória de Deus e a maior bem-aventurança do Homem; a circularidade viva de um a outro permite-nos perceber que ela baterá ao ritmo de um dinamismo inesgotável: o de Deus que se faz Homem para que o Homem se torne Deus. Ritmo escandido pela sucessão dos maiores contrastes e dos mais próximos contatos, das superações ilimitadas e das penetrações incomensuráveis, das mais profundas separações e das

> mais íntimas aderências. Como a que exprimia o autor da máxima: *Non coerceri máximo, contineri tamen a minimo, divinum est*. Divina, de fato, é a Vida que anima a sentença de Hevenesi, assim como os Exercícios de Inácio. (FESSARD, 1956, p. 340).

A leitura de Fessard, confortada pela de Crumbach, tem um valor fundamental para o jovem Bergoglio. Menos interessado na questão especulativa, o discípulo de Fiorito intui, através da *La dialectique* fessardiana, a tensão espiritual, a polaridade ideal e vivida que guia a alma e a ação de S. Inácio. A dialética inaciana mantem unidas as duas pontas da corrente: o agir humano e a graça de Deus. Une-os na forma que Henri de Lubac chama paradoxo: "Tem confiança em Deus, de modo que o sucesso das coisas dependa de ti e não de Deus; esforça-te, porém, como se tu nada fizesses, mas somente Deus fizesse tudo". O pensamento cristão se funda sobre um paradoxo, sobre uma tensão dialética onde o agir como se tudo dependesse do homem implica, ao mesmo tempo, agir como se ele não fizesse nada e Deus, tudo. Trata-se, como é evidente, de uma dialética "mística" onde os dois polos, Deus e o ser humano, interagem na forma do Mistério que une e distingue, ao mesmo tempo, graça e liberdade. A vida cristã é tensão, drama, pergunta contínua a Deus juntamente com o compromisso infatigável pelo mundo, cruz e ressurreição. Aqui temos a ideia de um pensamento que é de tensão, não ideológico, não cristalizado em fórmulas abstratas, mas voltado a perceber o "magis" de Deus, a abertura de Deus dentro da imanência do mundo[14]. Como escreve Bergoglio em 2007:

> Neste pensamento linear, não há lugar para a "*delectatio*" e a "*dilectio*", não há lugar para o estupor. E é assim porque o pensamento linear procede na direção contrária à graça. A graça se recebe, é puro dom; o pensamento linear se vê na obrigação de dar, de possuir. Não pode se abrir ao dom, move-se unicamente ao nível da posse. A "*delectatio*" e a "*dilectio*" e o estupor não podem ser possuídos: são recebidos, acolhidos simplesmente. [...] A essência maniqueísta do fariseu não deixa nenhuma brecha para que a graça possa entrar; ele basta a si mesmo, é autossuficiente, tem um pensamento linear. O publicano, ao contrário, tem um pensamento em tensão que se abre ao dom da graça. Possui uma consciência que não é autossuficiente, mas é profundamente mendicante. (BERGOGLIO, 2007, *apud* BRUNELI, 2016).

O pensamento cristão é um pensamento "de tensão", aberto. É assim na consciência de que a resposta divina excede a pergunta humana, que o agir de

[14] Sobre Deus "sempre maior" nos Exercícios de Santo Inácio, é fundamental o estudo de E. Przywara (1938).

Deus surpreende continuamente os esquemas e as certezas da vida. Bergoglio une, desse modo, dialética e mística. Um pensamento "místico" é um pensamento aberto, que não fecha as possibilidades. Como declarou Francisco: "A aura mística nunca define as margens, não completa o pensamento. O jesuíta deve ser uma pessoa do pensamento incompleto, do pensamento aberto" (FRANCESCO, 2013, p. 31). [15] Por isso, a dialética antinômica de Bergoglio é, diferentemente da de Hegel, uma dialética "aberta". Para que as suas sínteses sejam sempre provisórias, devem ser sempre sustentadas e reconstruídas, e porque a reconciliação é obra de Deus, não primariamente do ser humano. Isto explica a sua crítica a uma Igreja "autorreferencial", fechada na própria "imanência", marcada pela dupla tensão entre pelagianismo e gnosticismo. O cristão é "de-centrado", o ponto de equilíbrio entre os opostos está fora dele. Nisto, Francisco está atento à fórmula de Hevenesi comentada por Fessard, uma fórmula que se opunha ao paralelismo dos planos, a um equilíbrio estático entre natural e sobrenatural. Como afirmava Crumbach: "a relação entre graça e liberdade, entre ação divina e humana demonstra estar viva somente como pergunta, e não como uma fórmula 'perfeita'. Esta pergunta deve ser vivida". (CRUMBACH, 1969, p. 323).

"A relação entre graça e liberdade, entre ação divina e humana demonstra estar viva somente como pergunta, e não como uma fórmula 'perfeita'": trata-se de uma convicção que estará no centro do pensamento de Bergoglio. A sua crítica ao "doutrinarismo", ao dogmatismo abstrato, à petrificação da Revelação, tem origem aqui: da ideia que fé, antes de ser uma resposta, é uma pergunta, uma abertura do coração à Presença da graça. Esta pergunta deve ser vivida, deve se tornar experiência, prova de uma relação real, entre o ser humano e Deus, no cenário da história.

> A fé – escrevia Grumbach – não vive permanecendo fechada em si mesma. [...] A fé remete a um além de si mesmos. Somente assim pode se conservar, somente assim pode se tornar também verdadeira, pode ser verificada. A fé se torna verdadeira nas expectativas que interessam à realidade. No "como se tudo dependesse de ti" as expectativas da fé devem penetrar na realidade da vida, e devem "apontar o seu significado em formas de vida". A fé deve assumir responsabilidades em relação a um mundo, em que um comportamento compreensivo é possível somente na práxis. (CRUMBACH, 1969, p. 323).

[15] Sobre o pensamento "aberto", veja SAVORANA, 2014, p. 38-62.

A fé não vive fechando-se, mas abrindo-se. Bergoglio, como papa, dirá que a Igreja vive quando sai da própria "autorreferenzialidade", quando se mede com a realidade externa, quando sai do perímetro "clerical". Somente então, nos encontros, nas relações reais com as pessoas, pode receber a "sacudida" de Deus que a acorda do sono e a volta para a responsabilidade para com o mundo. A dialética se conjuga, desse modo, com o realismo. Supera a alternativa entre agostinianismo e tomismo que representa a tragédia do pensamento cristão moderno. Um dos princípios do pensamento de Bergoglio afirma que: "a realidade é superior à ideia". Trata-se de uma tomada de posição anti-idealista fundamental que motiva a crítica ao gnosticismo que volta continuamente no magistério de Francisco. A dialética de Fessard, cuja raiz está em Blondel, e o realismo de Tomás: nesta *complexio oppositorum* é possível encontrar o coração do pensamento de Bergoglio, o ponto de síntese de um pensamento polar, antinômico, que tem em Gaston Fessard e em Romano Guardini duas referências essenciais para o pensamento cristão do nosso tempo[16].

REFERÊNCIAS

ARRUPE, P. Lettera a tutta la Compagnia sull'inculturazione. **Acta Romana Societatis Iesu**, 1978, XVII, p. 307-312. Disponível em: http://www.sufueddu.org/fueddus/inculturazione/0708/04_2_arrupe_inculturazione_oss_.pdf. Acesso em: 16 de julho de 2020.

AUMONT, M. **Ignace de Loyola et Gaston Fessard**: l'un par l'autre, Paris: L'Harmattan, 2006.

AUMONT, M. **Philosophie sociopolitique de Gaston Fessard**: "Pax nostra". Paris: Les Éditions du Cerf, 2004.

BERGOGLIO, J. M. Condurre nelle grandi e nelle piccole circostanze. **Boletín de Espiritualidad**, Buenos Aires, v. 73, ottobre 1981.

[16] Encontramos a mesma síntese de realismo e dialética no pensamento do "tomista silvestre" Alberto Methol Ferré (1929-2009). Figura de referência para Bergoglio, também ele profundamente influenciado por Fessard, Methol Ferré é o mais relevante pensador católico latino-americano da segunda metade do século XX. Diversamente de Bergoglio, o Fessard que interessa a Methol não é o da *La dialectique des "Exercices spirituels" de Saint Ignace de Loyola*, mas o dos dois volumes de "*De l'actualité historique*" (Paris: Desclée de Brouwer, 1960). Como escreve o autor em 1975: "Os tempos já são maduros para uma autêntica filosofia tomista da história. As outras filosofias cristãs não tomistas, 'existencialistas', acrescentam pouco à questão, imersas como estão na 'intersubjetividade'. [...] Este é o valor extraordinário que vejo na obra teológica de Gaston Fessard que, para mim, é o primeiro a elaborar uma tríplice dialética de homem-mulher, senhor-escravo e hebreu-pagão, que engloba potencialmente o mais rico instrumental de análise e de reorganização dos acontecimentos históricos. Alguns tomistas refutaram as suas ideias, sem as compreender, mas outros como André Marc assimilaram-nas decisivamente." (FERRÉ, 1983, p. 117). Sobre as relações entre o pensamento de Methol Ferré e Bergoglio, ambos influenciados por Fessard, veja BORGHESI, 2017, p. 103-116; p. 155-201.

BERGOGLIO, J. M. Fe y justicia en el apostolado de los jesuitas. Buenos Aires: **Revista del Centro de Investigación y Acción Social de la Compañía** (CIAS), v. 25, n. 252, p. 7-10, julio 1976.

BERGOGLIO, J. M. **Fede e giustizia nell'apostolato dei gesuiti**. Milano: Jaca Book, 2015. p. 245-249.

BERGOGLIO, J. M. **Nei tuoi occhi è la mia parola.** Omelie e discorsi di Buenos Aires 1999-2013. Milano, Rizzoli, 2016.

BERGOGLIO, J. M. **Nel cuore di ogni padre.** Alle radici della mia spiritualità. Milano: Rizzoli, 2014.

BORGHESI, M. **Jorge Mario Bergoglio**. Una biografia intellettuale. Dialettica e mistica. Milano: Jaca Book, 2017.

BRUNELI, L. **L'attrattiva amorosa della grazia**. Don Tantardini, Bergoglio e Agostino. Storia di incontri imprevisti e di un pensiero "tensionante". Buenos Aires; Terre d'America, 2016. Disponível em: http://www.terredamerica.com/2016/06/26/lattrattiva-amorosa-della-grazia-don-tantardini-bergoglio-e-agostino-storia-di-incontri-imprevisti-e-di-un-pensiero-tensionante/. Acesso em: 16 de julho de 2020.

CRUMBACH, K.-H. Ein ignatianisches Wort als Frage an unseren Glauben. **Geist und Leben**, Munique, n. 42, p. 321-328, 1969.

FARES, Diego. **Papa Francesco è come un bambù**. Alle radici della cultura dell'incontro. Milano: Àncora: La Civiltà Cattolica, 2014.

FERRÉ, A. Methol. **Il Risorgimento Cattolico Latinoamericano**. Bologna: CSEO-incontri, 1983.

FERRÉ, A. Methol. Sviluppi della sociologia latinoamericana. **Vispera**, Montevideo, n. 37, aprile 1975.

FESSARD, G. **La dialectique des "Exercices spirituels" de Saint Ignace de Loyola**. Liberté, temps, grâce. Paris: Aubier, 1956. v. 1.

FESSARD, G. **La Dialectique des "Exercices spirituels" de Saint Ignace de Loyola**. Fondament, Péché, Orthodoxie. Paris: Aubier, 1966. v. 2.

FIORITO, Miguel Ángel. Fiorito. El pensamiento filósofico del Suarismo y del Tomismo. *In*: A.A.V.V. **Presencia y sugestión del filosofo Francisco Suárez**. Su influencia en la Revolución Mayo. Buenos Aires: Editorial Guillermo Kraft Suárez, 1959. p. 27-50.

FIORITO, Miguel Ángel. La opción personal de S. Ignacio. **Ciencia y Fe**, San Miguel, v. 12, n. 46, p. 23-56, 1956.

FIORITO, Miguel Ángel. Teoría y práctica de G. Fessard. **Ciencia y Fe,** San Miguel, v. 13, n. 3, p. 333-352, 1957.

FONTANA, Esteban José. **Revista de história americana y argentina,** Mendoza. Ano II, n. 3 y 4, p. 356-358, 1959. Disponível em: http://bdigital.uncu.edu.ar/objetos_digitales/8161/rev.-haya-3y4-179-180.pdf. Acesso em: 16 de julho de 2020.

FRANCESCO, Papa. **Il nome di Dio è Misericordia, una conversazione con A. Tornielli**. Milano: Libreria Editrice Vaticana; Città del Vaticano: Edizioni Piemme, 2016.

FRANCESCO, Papa. **La mia porta è sempre aperta**. Una conversazione con Antonio Spadaro. Milano: Rizzoli, 2013.

IVEREIGH, A. **Tempo di misericordia**. Vita di Jorge Mario Bergoglio. Milano: Mondadori, 2014.

IVEREIGH, A. **The Great Reformer**. Francis and the Making of a Radical Pope. New York: LLC, 2014.

NARVAJA, J. L. Miguel Ángel Fiorito. Una riflessione sulla religiosità popolare nell'ambiente di Jorge Mario Bergoglio. **La Civiltà Cattolica**, Roma. v. 2, Quaderno 4027, p. 18-29, 2018.

PRZYWARA, E. **Deus semper major**. Theologie der Exerzitien Freiburg: Herder, 1938.

RAHNER, H. Die Grabschrift des Loyola. **Stimmen der Zeit.** Freiburg, n. 139, p. 321-337, 1947.

RAHNER, H. **Ignatius von Loyola als Mensch und Theologe**. Freiburg: Herder, 1964.

SAVORANA, A.; SPADARO, Antonio. La verità è un incontro. Elogio del "pensiero incompleto" di papa Francesco. *In*: A.A.V.V. **Le periferie dell'umano**. Milano: BUR – Rizzoli, 2014. p. 38-62.

SCANNONE, J. C. La filosofia dell'azione di Blondel e l'agire di papa Francesco. **La Civiltà Cattolica**, 3969, p. 216-233, 2015.

SPADARO, Antonio. L'amicizia è questione di un momento. Prefácio. *In*: FARES, Diego. **Papa Francesco è come un bambù**. Alle radici della cultura dell'incontro. Milano: Àncora: La Civiltà Cattolica, 2014.

SPADARO, Antonio. Le orme di un pastore. Una conversazione con Papa Francesco. Introdução. *In*: BERGOGLIO, J. M. **Nei tuoi occhi è la mia parola.** Omelie e discorsi di Buenos Aires 1999-2013. Milano: Rizzoli, 2016.

WAIHINGER, H. **Die Philosophie des Als Ob**. System der theoretischen, praktischen und religiösen Fiktionen der Menschheit auf Grund eines idealistischen Positivismus. Mit einem Anhang über Kant und Nietzsche. Berlin: Reuther & Reichard, 1911.

WALD, B. Theologie des "als ob". Das Dilemma nichtrealistischer Selbstdeutungen des christlichen Glaubens, "Nachwort". Auf: PIEPER, Joseph. **Religionsphilosophische Schriften**. Werke, Band 7. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 2000. p. 627-633.